Editorial

É com grande prazer que apresentamos a 20ª edição dos Cadernos de Psicanálise – CPRJ, cujo tema central é "Situações-Limite na Experiência Psicanalítica". A escolha deste tema vem ao encontro dos desafios experimentados por nós, psicanalistas, na clínica contemporânea, onde observamos novas modalidades de sofrimento perpassadas por um cenário sociocultural que acentua o sentimento de desamparo.

Buscando dialogar sobre as inquietações que permeiam o ofício do psicanalista, o Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro realizou este ano uma longa trajetória de discussões e debates através dos Ciclos de Mesas-redondas, Conferências, Seminários e Jornada Interna. Muitas reflexões foram feitas sobre os limites e fronteiras que atravessam a relação entre o analisando e o analista. Com a participação de psicanalistas do CPRJ e de outras instituições, este debate de idéias, com seus diferentes enfoques teórico-clínicos, serviu de matéria-prima e estímulo para a produção de artigos que compartilhamos com os leitores.

Seguindo a linha dos números anteriores, convidamos três psicanalistas de reconhecido saber e expressiva atuação clínica para **debaterem** o tema em questão. São eles: **Fernando Coutinho**, **Paulo Sérgio Lima Silva** e **Rachel Sztajnberg**.

O primeiro discute o mal-estar contemporâneo pelo prisma de alguns conceitos freudianos. Buscando uma saída para o analisando, em sua luta contra o apagamento subjetivo, sugere, por meio do suporte encontrado na abordagem lacaniana, outros recursos além da interpretação. Uma clínica inventiva, mas atenta aos princípios da Psicanálise.

Paulo Sérgio lembra que as patologias refletem os valores e ideais da sociedade em cada momento histórico. Faz uma reflexão baseada em casos clínicos e na teoria sobre o assunto, e conclui que as chamadas "novas

patologias" propiciam "um novo olhar, um novo contato com o regressivo de cada caso, independente da estrutura a ele subjacente."

Por último, Rachel Sztajnberg discute, de maneira esperançosa, o mal-estar vivido pelos analistas em contato com os desertos subjetivos encontrados em nossos consultórios na atualidade, e nos convida a pensar em posturas mais ativas, mas nem por isso menos psicanalíticas, em nosso ofício.

Na **seção temática**, a reflexão sobre o dispositivo teórico e técnico da Psicanálise aponta para soluções criativas no manejo da transferência, com conseqüente repercussão na vida dos analisandos.

Nesta seção contamos, de início, com o artigo de **Carmen Da Poian** que propõe uma análise dos referenciais perdidos na pós-modernidade e sua repercussão nas novas subjetividades. A autora reafirma o importante papel que a Psicanálise pode desempenhar, neste momento de transição, em nossa sociedade. Em seguida, o artigo de **Beatriz Gang** discute, utilizando o referencial winnicottiano, as conseqüências do modo de produção frenético da vida contemporânea, na relação pais e filhos. O trabalho de **Paula Mocarzel** levanta o problema do limite entre a Psicanálise e a Psiquiatria através de uma reflexão bastante pertinente para a clínica atual. Já o autismo é tratado como um viés paradigmático para refletirmos sobre as patologias contemporâneas no artigo de **Ivanise Fontes.** O corpo ganha destaque nesta abordagem através de preciosos recortes clínicos ampliando a discussão sobre a adição na atualidade.

Enriquecendo o debate sobre as novas modalidades de sofrimento, o artigo de **Alexandre Jordão** enfoca a precariedade da estruturação narcísica desses casos fazendo uma bela incursão na teoria do narcisismo.

O estudo desenvolvido por **Delphim Nogueira** aborda o corte freudiano percorrendo suas raízes históricas. A dimensão da suspensão, provocada pelo corte, está presente na clínica da atualidade quando o sujeito pode abrir mão de soluções conhecidas e elaborar "novas possibilidades para o mesmo em relação ao que lhe ocorre".

Carlos Alberto Plastino, em um consistente artigo, discute a teoria psicanalítica no âmbito do paradigma da modernidade em contraponto ao paradigma emergente. **Carlos Melo** e **Ana Lila Lejarraga** dão uma importante contribuição teórica, a partir da teoria do trauma, para a compreensão dos estados-limite. Carlos Melo faz uma profunda investigação sobre três autores – Ferenczi, Balint e Winnicott – que valorizam a importância inestimável do ambiente para a estruturação subjetiva. Ana Lila, por sua vez, propõe um diálogo entre Ferenczi e Winnicott calcado nas

inquietações clínicas de cada autor em relação aos casos graves, como psicose e casos-limite.

Na **seção livre**, temos artigos que tratam de assuntos diversos abordados no âmbito da Psicanálise. **Guilherme Gutman** analisa o caso Schreber quanto à economia libidinal e as manifestações psicopatológicas. A partir da publicação das memórias de Schreber enfatiza o lugar social conferido a ele, estendendo-o a todo autor que publica. **Sônia Caldas** faz um percurso pela história e pela sintomatologia do autismo debruçando-se especialmente sobre uma questão: "Se o autismo infantil não é uma doença, o que acontece então no relacionamento perturbado e falho entre a mãe e o bebê que leva a um quadro de autismo?" **Flávia Monteiro** utiliza o mito do Jardim do Éden para discutir as raízes dos mitos, na humanidade, num diálogo permanente entre o Cristianismo e a Psicanálise. Já **Ana Luz** promove, em seu artigo, uma aproximação entre Cinema e Psicanálise, afirmando uma relação ímpar entre ambos.

Em seguida, temos a **resenha** de **Neyza Prochet** sobre *Winnicott*, livro de Adam Phillips, um estudioso de Winnicott que traz sua biografia numa articulação histórica com sua teoria.

Por fim, queremos chamar a atenção para a reformulação das **normas para a apresentação de artigos para publicação nos Cadernos de Psicanálise – CPRJ**, cujo objetivo é dar o maior número possível de informações que facilitem o trabalho de nossos próximos colaboradores.

Esperamos que o empenho da Comissão Editorial, do Conselho Consultivo e dos autores e colaboradores tenha resultado num agradável e fecundo encontro de idéias que favorecerão e estimularão as trocas necessárias para a manutenção da Psicanálise sempre viva e renovada.

Isabel Cristina Bogéa Borges
Marlene Jesus de Barros
Valéria Rodrigues Dias Henningsen